



## Romantismo ou Regeneração?

### Romanticism or Regeneration?

Lucas Parreira Álvares\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo, dentro de seus limites, compreender a relação existente entre o pensamento de Karl Marx e a tradição romântica. Para tanto, utilizará dos debates deste teórico sobre a situação das comunas rurais na Rússia e da interpretação que o sociólogo brasileiro/francês Michael Löwy faz desses escritos de Marx associando-os a uma espécie de “romantismo revolucionário”. No plano de fundo desse objetivo central, o presente trabalho compreende também o desenvolvimento do interesse de Marx tanto pela literatura sobre as comunas rurais russas quanto pelos aspectos sociais daquele país.

**Palavras-chave:** Marxismo; Romantismo; Pré-Capitalismo; Via Russa.

**Abstract:** This work has as its objective, within its limits, to understand the relation existing between the thought of Karl Marx and the romantic tradition. To do so, he will use Marx's debates about the situation of rural communes in Russia and the interpretation that the Brazilian/French sociologist Michael Löwy makes of these writings of Marx associating them with a kind of "revolutionary romanticism." In the background of this central objective, the present work also includes the development of Marx's interest in the literature on Russian rural communes and also on the social aspects of that country.

**Keywords:** Marxism, Romanticism, Pré-capitalism, Russian Road.

### Introdução

Não que seja suficiente a ponto de preencher prateleiras, mas já é possível notarmos boas investigações sobre a relação de Marx com a controvérsia acerca do desenvolvimento ou não do capitalismo na Rússia e sua relação com as comunas rurais<sup>1</sup>. Algumas edições de livros publicados no Brasil contribuíram para fornecer, tanto aos leitores quanto aos intérpretes, um arsenal de leitura que tornou possível a compreensão dessa temática. Em especial podemos mencionar a precursora

---

\* Professor Substituto do Departamento de Ciências Sociais – UFJF, doutorando em Antropologia Cultural – UFRJ e pesquisador do Programa Mapeamento de Povos e Comunidades Tradicionais – UFMG, e-mail - lucasparreira1@gmail.com.

<sup>1</sup> Quando a versão original deste texto foi escrita, ainda não havia sido publicado o importante estudo de Vitor Bartoletti Sartori intitulado “Acerca da Individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do ‘romantismo’ em Marx” (2018; 2019). Ou o estudo de Sartori poderia ser integrado à argumentação deste artigo, ou manteríamos este artigo em sua primeira versão. Optamos pela segunda opção. Vale ressaltar, no entanto, que os diálogos com Sartori foram fundamentais para que este artigo fosse escrito, e, suponho, inversamente também para a escrita e publicação do supracitado estudo de sua autoria.

publicação da obra *Dilemas do Socialismo: a controvérsia entre Marx, Engels e os Populistas Russos*, editada por Rubem César Fernandes e publicada pela editora Paz e Terra ainda em 1982, relevante especialmente pela tradução de diversas cartas através das quais Marx e – principalmente – Engels se corresponderam com os chamados “populistas russos”; além disso, essa organização de Fernandes trouxe ao leitor brasileiro a tradução de textos de autores russos que lidam com questões como “progresso”, “desenvolvimento” e “análise econômica” naquele país, como Mikhailovski, Danielson, Lavrov, entre outros.

Na literatura em língua portuguesa, essa obra foi somada a *Marx Tardio e a Via Russa: Marx e as periferias do capitalismo* - publicada originalmente em 1883 e traduzida ao público brasileiro somente em 2017 - sob organização de Teodor Shanin que forneceu, além de textos clássicos de autores consagrados como Nikolai Tchernichevski, interpretações de autores marxistas que abriram novos caminhos de leituras e apresentaram informações preciosas através de textos de autores como Haruki Wada, Derek Sayer, Philip Corrigan e do próprio Teodor Shanin. Nesses livros supracitados, também estão contidos os rascunhos e a correspondência de Marx com a revolucionária russa Vera Ivanovna Zaslitch.

Entretanto, foi com a publicação da obra *Lutas de Classes na Rússia*, pela editora Boitempo, em 2013, que o leitor brasileiro pôde ter em mãos uma tradução mais precisa desse material; além disso, essa obra tem a virtude de apresentar a *Literatura de Refugiados*, importante compilado de textos de Friedrich Engels sobre o assunto em questão; por fim, e não menos importante, essa edição também é prefaciada pela introdução *Dialética revolucionária contra a ideologia burguesa de progresso*, escrita por Michael Löwy.

Não é do nosso interesse, tampouco aos objetivos deste texto em específico, propor uma espécie de “exegese” acerca dessa temática na obra de Marx – trabalho esse que foi desempenhado por outros intérpretes (a esse propósito, conferir o extenso trabalho de DIAS DE FARIA, 2017). Também não seria adequado tratar dessa temática sem expor, minimamente, a nossa interpretação. Entretanto, a inquietação que motivou a elaboração desse trabalho se deu a partir de alguns elementos apresentados pela *Introdução* de Michael Löwy na edição da obra *Lutas de Classes na Rússia*, em especial, a relação estabelecida pelo autor brasileiro/francês entre o

pensamento de Marx e o que ele entende por “romantismo”<sup>2</sup>.

É importante mencionar que não se trata de propor uma crítica à totalidade das formulações desse autor, reconhecendo seu lócus de importância no campo do pensamento social crítico, mas sim – e nesse momento – às formulações que estão presentes nessa *Introdução*. Para além de Löwy, não podemos negar que esse texto se apresenta também como um esforço inicial de propor uma outra compreensão da relação entre Marx e o pensamento romântico, embora o objetivo em questão leve em conta uma abrangência mínima diante do modo pelo qual essa tradição apresenta não uma influência, mas sim, uma presença no decorrer da obra de Marx.

### 1. A sedução romântica ao marxismo

A publicação da obra *Lutas de classes na Rússia* pela Editora Boitempo, organizada por Michael Löwy, contém alguns dos textos mais importantes dos últimos anos de vida de Marx<sup>3</sup>, a saber, os rascunhos elaborados para confecção de uma carta em resposta a questionamentos da revolucionária russa Vera Ivanovna Zaslitch<sup>4</sup>. Adiante, voltaremos nossa atenção tanto para a carta de Vera Zaslitch, quanto para os rascunhos e a resposta de Marx. No momento, porém, analisaremos uma passagem da introdução de Michael Löwy – cujo título é *Dialética revolucionária contra a ideologia burguesa de “Progresso”* – à obra *Luta de Classes na Rússia*. Para Löwy, a partir dos textos de Marx sobre a Rússia é possível encontrar

uma dialética tipicamente romântico-revolucionária entre o passado e o futuro, inspirada pelos trabalhos sobre o comunismo primitivo de historiadores e antropólogos (românticos) como Georg Maurer e Lewis Morgan, frequentemente citados por Marx e Engels. (LÖWY; 2015, p.13)

<sup>2</sup> Uma primeira tentativa de estabelecer a crítica a essa relação se deu por meio do texto *Os perigos da sedução romântica ao marxismo*, publicado nos anais do evento Crítica da economia política e do direito (2018).

<sup>3</sup> A primeira publicação dos rascunhos e das cartas está na obra *Dilemas do Socialismo: Marx, Engels e os Populistas Russos*, de 1982 sob organização de Rubem César Fernandes pela editora Paz e Terra. Recentemente, foi publicada também na recém-publicada *Marx e a via Russa*, de Teodor Shanin, que contém, dentre outros textos, os rascunhos e cartas de Marx a Zaslitch.

<sup>4</sup> “Podemos dividir a organização da obra *Lutas de Classes na Rússia* em três partes: a primeira com a *Literatura de Refugiados V*, que reúne textos de Engels publicados em 1875 (...) A segunda parte da obra podemos atribuir à *Carta à redação da Otechestvenye Zapiski* – relevante revista de São Petersburgo alinhada aos populistas russos – de autoria de Karl Marx, com a intenção de ser enviada à redação da revista. (...) A terceira parte de *Lutas de Classe na Rússia* diz respeito ao debate de Marx com a revolucionária Vera Ivanovna Zaslitch, integrante do grupo revolucionário russo “Emancipação do Trabalho”. Na edição, o texto que antecede a discussão entre os revolucionários é uma introdução produzida por David Riazanov com o título “Vera Zaslitch e Karl Marx” (ÁLVARES, 2015).

Atentaremos às determinações postas nesse trecho de Löwy e as utilizaremos como fio condutor que guiará a exposição do presente trabalho. Contudo, para o devido entendimento dessa passagem de autoria do brasileiro/francês, é antes necessário compreender os pressupostos teóricos que o conduzem a conceber tal interpretação a partir dos rascunhos de Marx à Vera Zaslitch,

O primeiro passo é compreender a noção de “romântico” para esse autor. No ano de 1992 veio a público a obra *Révolte et Mélancolie: le romantisme à contre-courant de la modernité*, de autoria do sociólogo aqui em questão, Michael Löwy, juntamente com o linguista Robert Sayre<sup>5</sup>. Tal obra consagra a formação de um desenvolvimento teórico que acompanhava Löwy pelo menos desde a década de 70. Ela propõe uma interpretação mais abrangente do romantismo não o reduzindo a uma corrente literária-artística como também o apresentando como um movimento de resistência e reação ao modo de vida na sociedade capitalista moderna (LÖWY; SAYRE, 2015, p.38). Löwy e Sayre elaboraram uma extensa tipologia desse movimento, “variando da direita para a esquerda do espectro político” (LÖWY; SAYRE, 2015, p.85-86), distinguindo-o entre: 1) Romantismo Restitucionista; 2) Romantismo Conservador; 3) Romantismo Fascista; 4) Romantismo Resignado; 5) Romantismo Reformador; 6) e Romantismo Revolucionário e/ou Utópico<sup>6</sup>.

A peculiaridade dessa tipologia foi também estabelecer, no interior do romantismo “Revolucionário e/ou Utópico”, suas diversas tendências: a) Jacobino-democrática; b) Populista; c) Socialista utópico-humanista; d) Libertária; e) Marxista<sup>7</sup>.

Para Löwy (2015, p.112-113) – e Sayre, embora certamente essa é uma abordagem do sociólogo, afinal está presente em outras de suas obras precedentes – o que distingue o intitulado romantismo-revolucionário-marxista de outras correntes com sensibilidade romântica é, dentre outros aspectos, a preocupação central com alguns problemas essenciais do marxismo, a saber: “a luta de classes, o papel do proletariado como classe universal emancipadora, a possibilidade de utilizar as forças

---

<sup>5</sup> As edições brasileiras são duas: em 1995 pela Paz e Terra; e em 2015 uma reimpressão pela Editora Boitempo.

<sup>6</sup> Com exceção do tipo “Revolucionário e/ou Utópico”, o presente artigo não se aprofundará nas demais tendências, afinal, a análise do romantismo como um todo não é o objeto desse artigo. Para mais, vide: LOWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, p.85-112.

<sup>7</sup> Com exceção do tipo “Revolucionário e/ou Utópico”, o presente trabalho não pretende se aprofundar nas demais tendências do romantismo de Löwy e Sayre, afinal, a análise desse movimento como um todo não é o objeto desse trabalho. Para mais, vide: LOWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, p.85-112.

produtivas modernas em uma economia socialista”. Assim, cita alguns autores que acredita terem compartilhado dessa abordagem romântica-revolucionária-marxista, dentre eles: E. P. Thompson, Raymond Williams, György Lukács, Ernest Bloch, Walter Benjamin, Marcuse, Lefebvre, e William Morris (esse que seria seu exemplo mais autêntico). Para além desses intelectuais, Löwy e Sayre dedicam todo um capítulo de *Revolta e Melancolia* a um suposto romantismo de Marx.

Os primeiros expoentes da tradição marxista consideraram a existência de um tríptico “amalgama original” que teria influenciado o pensamento de Marx. Para fins de compreensão – e somente para esse propósito – suponhamos<sup>8</sup> que exista um amalgama no que se refere às assim chamadas “fontes do marxismo”. A literatura marxista, a partir de Kautsky em *As três fontes do marxismo* e posteriormente com Lênin em *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*, atribuiu a três os pilares importantes que influenciaram o pensamento de Marx: o Idealismo Alemão, o Socialismo Utópico Francês e a Economia Política Inglesa. Para Michael Löwy, existe uma quarta fonte que teria influenciado o pensamento de Marx, o Romantismo<sup>9</sup>.

Essa influência do pensamento romântico teria ocorrido desde os primeiros trabalhos do mouro<sup>10</sup>, embora Löwy admita que “após converter-se à dialética hegeliana, ao materialismo e à filosofia da práxis (1840-1845), Marx rompe com esse primeiro romantismo juvenil” (2015, p.120). Até mesmo Löwy sabe muito bem que “no Manifesto Comunista (1848), Marx taxa de “reacionário” qualquer sonho de voltar ao artesanato ou a outros modos pré-capitalistas de produção” (p.120). Entretanto, independentemente dessa análise dos primeiros anos de produção teórica de Marx, Löwy ainda admite uma influência do pensamento romântico em Marx:

---

<sup>8</sup> “Suponhamos”, pois, Chasin (1995) foi responsável por uma crítica certa a esse “amalgama de origem tríptico”.

<sup>9</sup> Em *Revolta e Melancolia*, Löwy afirma que “o romantismo é uma das fontes esquecidas de Marx e Engels, uma fonte que talvez seja tão importante para o trabalho deles quanto o neo-hegelianismo alemão ou o materialismo francês” (2015, p.120-121). Além dessa passagem, Löwy afirma categoricamente em um vídeo que considera o Romantismo como a quarta fonte de Marx, Engels e do pensamento marxista. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=olT1Oho1srk>. Teodor Shanin também não escapa desse “amalgama” em apontar que, em sua visão, existe também uma quarta influência ao pensamento de Marx, mas, diferente de Löwy, Shanin se refere ao populismo russo (SHANIN, 2017, p.52).

<sup>10</sup> Era comum àqueles próximos de Marx o tratarem como “mouro”. Em uma carta a Friedrich Theodor Cuno, o apelido foi comentado por Engels: “Jamais era chamado de Marx, tampouco de Karl, mas apenas Mouro, assim como cada um de nós tinha um apelido; onde terminavam os apelidos, terminava também a intimidade mais estreita. Mouro era seu apelido desde os tempos da universidade; e também na Nova Gazeta Renana foi sempre chamado assim. Se eu dirigisse a ele de outro modo, ele certamente acreditaria haver algum mal-entendido a ser esclarecido” (cf. Musto, 2018, p. 97).

Numa atitude tipicamente dialética, [Marx] vê o capitalismo como um sistema que transforma todo o progresso econômico em uma calamidade pública. É na análise das devastações sociais provocadas pela civilização capitalista – bem como em seu interesse pelas comunidades pré-capitalistas – que ele se junta, pelo menos em certa medida, à tradição romântica (LÖWY, 2015, p.120).

Seguindo a exposição do autor, Löwy apresenta alguns “críticos românticos” que teriam influenciado a obra de Marx, como o economista Sismondi; o populista russo Danielson; escritores como Dickens e Balzac; filósofos como Carlyle; e claro, não poderiam faltar os historiadores e antropólogos caracterizados de “românticos” por Löwy como os já supracitados George Maurer e Lewis Morgan. Todavia, o ponto central aos nossos propósitos é que, em sua introdução à *Lutas de Classes na Rússia*, o que Löwy associa àqueles escritos de Marx ao tratar da comuna rural russa com o pensamento romântico é exatamente o “seu interesse pelas comunidades pré-capitalistas”. Analisemos brevemente o desenvolvimento do interesse e dos estudos de Karl Marx sobre a Rússia a fim de que possamos compreender o sentido em que essas investigações foram realizadas. E, por fim, se é correto ou não atribuir a característica de romântico ao interesse de Marx pelas formas sociais que precederam o modo de produção capitalista.

## 2. Os perigos da sedução romântica ao marxismo

A seção IV do *Manifesto Comunista* é dedicada à “posição dos comunistas diante dos diversos partidos de oposição”. Naquele momento, os comunistas lutavam “pelos interesses e objetivos imediatos da classe operária”, mas, ao mesmo tempo, defendiam e representavam “no movimento atual, o futuro do movimento” (MARX; ENGELS, 2010, p.68-72). Assim, através do *Manifesto*, os comunistas se posicionaram de acordo com o contexto de alguns países da Europa, que se conformava como “um campo limitado do movimento proletário” da época: na França se aliaram ao partido social-democrata; na Suíça apoiaram os radicais; na Polônia os democratas revolucionários; e na Alemanha o partido comunista. Percebiam que a Rússia sequer foi mencionada nessa seção. Existe, entretanto, um motivo.

O prefácio à edição russa do *Manifesto Comunista* de 1882, assinado por Marx e Engels, é um documento especialmente interessante. Esse trabalho de apenas seis parágrafos, o último publicado por Marx em vida, constitui, para Kevin Anderson (2010, p.197), a única publicação de Marx que estava em consonância com os trabalhos que o velho mouro vinha desenvolvendo no decorrer da década de 70 e

início da década de 80 do Século XIX até sua morte sobre sociedades pré-capitalistas para além da Europa ocidental<sup>11</sup>.

A Rússia passou por transformações significativas desde a publicação do *Manifesto* em 1848 até o prefácio à edição russa do *Manifesto*, já em 1882<sup>12</sup>. Essas transformações foram ressaltadas pelo prefácio, que exprimia o fato de que, na época da publicação original do *Manifesto*, “a Rússia se constituía na última grande reserva da reação europeia”; era a Rússia um dos países que “proviam a Europa de matérias-primas, sendo ao mesmo tempo mercado para venda de seus produtos industriais” e, de uma maneira ou de outra, era pilar da ordem europeia vigente (MARX; ENGELS, 2010, p.73). Mas foi após a publicação do Tomo I de *O Capital* que a Rússia figurou como um elemento determinante na vida de Marx, não apenas pelo interesse teórico que aquele país de dimensões continentais possuía, como também um interesse político, afinal, Marx era o responsável dentro do Comitê Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores de estabelecer relações com esse país.

Teodor Shanin aponta para quatro eventos que marcam experiência política e intelectual para o pensamento de Marx no período pós publicação de *O Capital* (ou seja, após 1867): O primeiro, a Comuna de Paris, de 1871, que ofereceu uma lição dramática e um tipo de poder revolucionário nunca visto antes; segundo um grande avanço no campo da produção de conhecimento, que foi a descoberta da “pré-história”, que trouxe as sociedades “primitivas” para dentro de um espaço de estudos históricos e etnológicos; terceiro a ampliação do conhecimento das sociedades rurais

---

<sup>11</sup> Mesmo assim, com uma peculiaridade que não pode deixar de ser notada, como demonstra o japonês Haruki Wada: “o manuscrito do prefácio, marcado ‘Londres, 21 de fevereiro de 1881, foi rascunhado por Engels; Marx fez apenas uma correção mínima e colocou sua assinatura. Diante do fato de que o manuscrito que temos hoje tem uma passagem no fim que foi escrita uma vez, rasurada, e não reescrita, é possível vê-lo como uma cópia limpa que Engels transcreveu ainda de outro manuscrito. Todos esses fatores nos levam a concluir que Marx, que estava desanimado na época, pediu a Engels para fazer um rascunho e o assinou. Que Marx não ficou totalmente satisfeito com o resultado pode ser deduzido da carta que ele mandou a Lavrov com o manuscrito: ‘se esta peça, que é para a tradução do russo, for para ser publicada como está, em alemão, ainda precisa de toques finais em seu estilo’” (2017, p.116). Mesmo o único texto produzido por Marx como resultado das investigações finais de sua vida é dotado de uma complexidade quanto à sua produção. Em conversa particular com Marcello Musto, que estudou intensamente os aspectos teóricos e biográficos dos anos finais da vida de Marx (cf. Musto, 2018), o marxista italiano/canadense afirmou não corroborar com a interpretação de Wada, e me confidenciou que não encontrou, em nenhum momento durante suas investigações, indícios que pudessem endossar tal interpretação.

<sup>12</sup> Interessante adensar a esse ponto, o fato de que os estudos russos que Marx avançou até ali, “foram interrompidos por um tempo considerável pela Comuna de Paris e, depois da derrota, pela luta interna dentro da internacional. Foi só depois do congresso de Haia de setembro de 1872 que ele voltou à teoria e à questão russa” (WADA, 2017, p.84)

não capitalistas inseridas em um mundo capitalista; e quarto a Rússia e os russos deram a Marx uma potente combinação: a rica evidência sobre as comunidades rurais e a experiência revolucionária direta, tudo isso junto com a teoria e a prática do populismo revolucionário russo (SHANIN, 2017, p.31).

O desenvolvimento dos estudos de Marx sobre a Rússia se deu, concomitantemente, ao desenvolvimento do capitalismo naquele país.

Naquela época, ao passo em que Marx desenvolvia suas investigações, por volta de 3/5 das terras cultiváveis da Rússia europeia estavam nas mãos das comunas camponesas. Shanin (2017, p. 38-39) explica que o modo de funcionamento da divisão da propriedade nessas comunas era realizado da seguinte maneira: cada família detinha apenas um pequeno pedaço de terra, que concernia a uma casa e um jardim, além de seus animais e equipamentos. O uso da terra cultivável era atribuído para uma família pela comuna em termos de longo prazo, os prados eram redefinidos todo ano e com frequência eram trabalhados coletivamente. Já os pastos e florestas eram de uso comum. Muitos serviços vitais eram realizados coletivamente: o pastoreio da aldeia, as guardas locais, o cuidado com os órfãos, entre tantos outros. A divisão dos cargos era decidida através de uma assembleia dos chefes de família. Em grande parte dessas comunas, essa assembleia era também responsável por dividir, periodicamente, as terras cultiváveis entre as famílias<sup>13</sup>.

Durante toda a década de 70, bem como do início da década de 80 do Século XIX até sua morte, Marx investigou extensamente a literatura russa - sobretudo no que concerne à questão da propriedade comunal da terra. O próprio Marx relatou que em sua biblioteca continha aproximadamente 200 livros no idioma russo<sup>14</sup>, o que impressiona, considerando o fato de que no início do ano de 1870 Marx sequer tinha algum domínio sobre tal idioma. O ponto de partida para que Marx aprendesse russo foi a ocasião de que seu amigo Nicolai Danielson (1844-1918), importante populista russo e um dos principais expoentes do socialismo naquele país, o presenteou com a obra *A situação da classe operária na Rússia*, de autoria de Flerovsky, em outubro de 1869, inspirada na quase homônima obra de Engels de 1844. Relatos datam que em fevereiro do ano seguinte Marx já iniciara suas investigações sobre o livro russo. Em

---

<sup>13</sup> Também sobre os aspectos locais da Rússia na segunda metade do século XX, cf. Siljak (2013).

<sup>14</sup> “[após Marx retornar a] Londres, compila a lista dos ‘livros russos em minha estante’ – perto de 200 títulos” (SAYER, 2017, p.241).



carta a Engels no dia 10 de fevereiro de 1870, Marx afirma que “em qualquer circunstância, esse é o livro mais importante que apareceu desde o seu *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*”, (MARX *apud* SAYER, 2017, p.211-212). Também em uma carta a Engels, nessa mesma época, a esposa de Marx mencionou que “ele começou a estudar russo como se fosse uma questão de vida ou morte”, e, assim, aliando “o útil ao agradável”, o modo pelo qual se deu o aprimoramento de Marx junto ao idioma foi através de leituras de autores que debatiam tais temas, como Herzen e principalmente Tchernichevski.

Na edição francesa de *O Capital*, algumas modificações ocorreram na exposição final da obra, provavelmente em função dessas novas leituras. Foi retirado, por exemplo, o “assim chamado” do título do capítulo 24 de *O Capital*, constando apenas o *Acumulação Primitiva*. Além disso, foi suprimida uma nota na qual Marx criticava Herzen, autor russo que se alinhava com as perspectivas do conhecido grupo Populistas Russos. Também, uma das passagens clássicas do capítulo 24 foi substituída. Onde se lia que:

A expropriação da terra que antes pertencia ao produtor rural, ao camponês, constitui a base de todo o processo. Sua história assume tonalidades distintas nos diversos países e percorre as várias fases em sucessão diversa e em diferentes épocas históricas. Apenas na Inglaterra, e por isso tomamos esse país como exemplo, tal expropriação se apresenta em sua forma clássica (MARX, 2013a, p.963)

Passou-se a ler:

No cerne do sistema capitalista está, portanto, a separação radical do produtor e dos seus meios de produção (...) A base de toda essa evolução é a expropriação dos camponeses. Isso só se realizou até sua forma final na Inglaterra (...), mas todos os outros países na Europa ocidental estão seguindo o mesmo movimento (MARX, 1872-1875; p.315).

Uma implicação óbvia dessa correção é que a forma inglesa de expropriação dos camponeses é aplicável apenas à Europa ocidental, ou seja, a Europa oriental e a Rússia poderiam ter um desenvolvimento diferente (WADA, 2017, p.88). No ano de 1877 veio a acontecer a guerra russo-turca, o que deu aos socialistas a esperança de que ela pudesse ser a alavanca para a revolução na Rússia. Essa expectativa pode ser notada, por exemplo, em uma carta que Marx enviou a Sorge, no dia 27 de setembro daquele ano, dizendo:

Essa crise é um novo momento decisivo na história da Europa. A Rússia – eu estudei a situação desse país com base em fontes oficiais

e não oficiais em russo – esteve por um longo período à beira da revolução. Todos os fatores para isso já estavam presentes (...) Se a mãe natureza não for extraordinariamente dura conosco, talvez nós possamos viver o suficiente para ver o dia maravilhoso da cerimônia. A revolução, neste tempo, começa do Leste, esse mesmo Leste que nós por tanto tempo consideramos como o apoio invencível da contrarrevolução (MARX, *apud* WADA, 2017, p.96).

Em fevereiro de 1881, Vera Zaslitch, populista russa ligada à ramificação Repartição Negra enviou a Marx uma carta cujo interesse estava em consonância com o desenvolvimento das pesquisas que o velho mouro desenvolvia. Zaslitch queria a análise de Marx sobre o destino da comuna rural russa e sobre “a teoria da necessidade histórica de que todos os países do mundo passem por todas as fases de produção capitalista” (ZASULITCH, 2013, p. 80). Marx, naquele mesmo mês, elaborou alguns extensos rascunhos como respostas a serem enviadas à Vera. Mas sua resposta definitiva, em contrapartida, se resumiu a uma pequena carta que tinha como cerne a noção de que a assim chamada “fatalidade histórica” desse processo “estava restrita aos países da Europa ocidental” e que os estudos que desenvolveu o convenceram de que “essa comuna é a alavanca da regeneração social na Rússia” (MARX, 2013b, p.114-115).

O entusiasmo de Löwy junto a essa carta, bem como os rascunhos que a antecederam, reside no fato de que, para o sociólogo brasileiro/francês, esses escritos, “significam uma ruptura profunda com qualquer interpretação unilinear, evolucionista, “etapista” e eurocêntrica do materialismo histórico” (LÖWY, 2013, p.9). Löwy continua:

a partir de 1877, eles sugerem, ainda que não de forma desenvolvida, uma perspectiva dialética, policêntrica, que admite uma multiplicidade de formas de transformação histórica, e, sobretudo, a possibilidade que as revoluções sociais modernas comecem na periferia do sistema capitalista e não, como afirmavam alguns de seus escritos anteriores, no centro<sup>15</sup>. E termina: “trata-se de uma verdadeira “virada” metodológica, política e estratégica”.

Ao tratar de Marx, parece-nos correto afirmar que esses textos estão em desacordo com uma interpretação “unilinear, evolucionista, etapista e eurocêntrica” do assim chamado materialismo histórico. Entretanto, isso não se configura como uma

---

<sup>15</sup> Diante da constatação de que há pelo menos 50 anos a literatura marxista tem estabelecido contrapontos convincentes contra uma eventual perspectiva unilinear da história, tenho tomado como pressuposto a visão de uma multilinearidade da história no pensamento de Marx. Acredito que essa mudança de perspectiva expositiva não é só importante na medida em que reconhece a autenticidade de trabalhos previamente realizados, como também suprime a necessidade de apresentar, em todos os textos que tratam desse assunto, pelo menos um capítulo para demonstrar o óbvio ao leitor rigoroso de Marx.

novidade no pensamento de Marx. Já em 1857, cerca de 20 anos antes, o capítulo dos *Grundrisse* intitulado *Formas que precederam a produção capitalista* deixava essa abordagem implícita, e no capítulo *A assim chamada acumulação primitiva*, na citação que mencionamos a pouco, essa perspectiva aparece de maneira explícita<sup>16</sup>. É importante mencionar que Marx não mudou o seu juízo crítico sobre as comunas rurais da Rússia a partir dos novos trabalhos que a ele foram apresentados. Não há nenhum rompimento drástico – uma espécie de “inflexão” – no pensamento de Marx nos esboços preliminares da carta a Vera Zaslitch em relação a suas convicções anteriores (MUSTO, 2018, p.76-77; ÁLVARES, 2017; 2019). É tautológico que a leitura de novos autores e investigações abrem novos horizontes, não só para Marx, como também para qualquer autor<sup>17</sup>. Mas os elementos de novidade em relação ao passado dizem respeito, antes, à abertura teórica graças à qual Marx passou a considerar outras vias possíveis para a transição ao socialismo, vias que até então jamais haviam sido avaliadas ou, ao contrário, tinham sido consideradas irrealizáveis (MUSTO, 2018, p.77).

Sob a ótica de Sayer (1977, p.67), na esteira dessas interpretações, o que ocorreu, no decurso dos anos 1870, “não foi que Marx tivesse mudado de opinião sobre o caráter das comunas rurais nem que tivesse decidido que estas, na forma como existiam, poderiam tornar-se a base do socialismo”, ao contrário, “o que ele passou a considerar foi, antes, a possibilidade de as comunas serem revolucionadas não pelo capitalismo, mas pelo socialismo”, e assim, “com a intensificação da comunicação social e a modernização dos métodos de produção, o sistema de comunas rurais poderia ser incorporado numa sociedade socialista”. Mas voltemos, para retomarmos nosso fio

<sup>16</sup> Por existir, somente no Brasil, mais de 80 anos de literatura marxista que lida com essa questão, não desviaremos de nosso propósito principal. Para um aprofundamento que representa “o ponto final” na discussão sobre Marx a um suposto etapismo da história, cf. Machado (2018). Para uma crítica à relação entre Marx e o evolucionismo social, cf. Álvares (2019).

<sup>17</sup> “Por exemplo: é notório que a teoria do valor-trabalho de Marx ainda não estava constituída em sua obra *Miséria da filosofia* (1847), o que se concretizaria de maneira primorosa em *O capital* (1867) duas décadas depois. Mas será que é possível falar de uma “inflexão” no pensamento de Marx da publicação de *Miséria da filosofia* para *O capital*? Do ponto de vista do aperfeiçoamento das ideias econômicas de Marx, *Miséria da filosofia* constitui a primeira obra na qual Marx concebe “uma visão de conjunto das origens, do desenvolvimento, das contradições e da queda do regime capitalista” (MANDEL, 1968, p.55). A mudança de Marx para Londres poucos anos depois da publicação da *Miséria da filosofia* favoreceu demasiadamente suas investigações. Dentre outros motivos – como o próprio autor menciona no prefácio da *Contribuição à crítica da economia política* –, com a mudança para a capital inglesa, Marx teve acesso à “prodigiosa quantidade de materiais para a história da economia política acumulada no Museu Britânico” (MARX, 2008, p.51). Parece-me, portanto, que não há uma “inflexão” (“nova ótica, nova abordagem”) no pensamento de Marx de uma obra para outra” (ÁLVARES, 2017).

condutor, à interpretação levada a cabo por Michael Löwy.

Parece-nos que a proximidade com que Löwy associa o interesse de Marx junto as formas pré-capitalistas e ao pensamento romântico se dá através de um desarranjo que não se configura no desenvolvimento teórico de Marx. Esse “desarranjo”, que se constitui enquanto ponto central desse trabalho, se conforma da seguinte maneira: Löwy associa a “romantismo” o que Marx tratou sob o termo de “regeneração”. Marx afirma que a “regeneração” que levaria a Rússia ao “novo sistema para o qual tende a sociedade moderna, será uma reinvenção, em uma forma superior, de um tipo social arcaico” (MARX, 2013b, p.91). A citação é clara, mas é fundamental ressaltar que Marx não propõe um retorno ao modo arcaico de sociabilidade, mas sim, a uma reinvenção desse modo, principalmente no que concerne as suas características comuns.

Se não houvesse uma reinvenção superior desse modo, não se trataria de uma perspectiva revolucionária, afinal, como o próprio Marx (2011, p.28) menciona, “não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do Século XIX pode colher a sua poesia”, embora Löwy tenha afirmado, em entrevista ao autor deste trabalho, que a revolução social deve colher sua poesia também no passado (cf. LÖWY, 2017). É verdade que essa passagem de Marx sobre a “poesia do futuro”, contida no *18 Brumário de Luís Bonaparte*, antecede algumas das principais experiências de tomada de poder do trabalhador, como por exemplo, a Comuna de Paris, que trouxe ensinamentos importantes para a tradição socialista<sup>18</sup>. Contudo, a revolução socialista não pode ser compreendida tal como se compreende uma hipótese (cf. BADIOU, 2012), o que, evidentemente, implicaria em uma visão teleológica da história.

A compreensão do romantismo em Löwy não parte do modo pelo qual esse movimento se conforma na realidade, mas sim de uma suposição ideal do que o autor acredita que esse movimento é.

O movimento romântico, em Löwy, aparece como um modelo sociológico acabado na medida em que, a partir dos pressupostos ideias deste, são incluídos, ou não, autores que estudam determinados assuntos ou que, em seus textos, apresentam determinadas influências que se aproximam da sua proposta de romantismo. É

---

<sup>18</sup> No prefácio à edição alemã do Manifesto Comunista, assim como nos textos que compõem a coletânea Guerra Civil na França, Marx enfatiza a importância da Comuna de Paris, sobretudo por ter demonstrado que “não basta que a classe trabalhadora se apodere da máquina estatal para fazê-la servir a seus próprios fins” (Marx; Engels, 2010, p. 72).

importante mencionar, nesse aspecto, como já salientava Marx e Engels (2010, p.119), que “o método materialista se converte em sua antítese quando é utilizado não como fio condutor na investigação histórica, mas como um modelo acabado a que há que adaptar os fatos históricos”. Nunca foi e nunca poderia ser um infortúnio para a tradição marxista o interesse por formas sociais que precederam o modo de produção capitalista. Marx, mais do que qualquer outro, nos convidou a enxergar a história como indispensável para qualquer investigação que resulte em compreensões do movimento real. A proposição de Löwy, por outro lado, compreende que o interesse por investigações sobre formas sociais pré-capitalistas se calca no registro de um romantismo.

Ao considerar como prática romântica o mero interesse de investigação sobre formas sociais que precederam o modo de produção capitalista, Löwy abre o precedente para considerarmos não apenas que existe uma vertente romântica no pensamento de Marx como também, o próprio marxismo, que é caudatário dessa busca pela gênese do objeto ao rastrear o seu nexos interno, também sofreria esta influência romântica.

A antropologia, que até a década de 60 do século XX se caracterizava pelo “quê” pesquisar, a saber, povos e modos de vida não ocidentais, poderia ser considerada como um campo inteiramente dedicado às pretensões do romantismo. É verdade que houve uma intensa influência romântica na antropologia para com os interlocutores investigados, o que pode ser observado pelo título da obra-prima de Bronislaw Malinowski, que não se chama “Os trobriandeses da Nova-Guiné”, mas sim, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. Todavia, desde sua origem a antropologia também esteve vinculada a contradições inerentes a sua própria existência (cf. ÁLVARES, 2018). Ainda que sejamos críticos ao modo como desenvolveu a história do pensamento antropológico, não podemos reduzi-la a uma teoria social.

Se a antropologia fosse reduzida ao romantismo, teríamos ainda mais elementos para demonstrar um afastamento de Marx da perspectiva romântica, afinal, Marx foi um autêntico crítico ao pensamento de Lewis Morgan, o pai da antropologia americana, que caracterizava a distinção entre formas sociais por elementos como cerâmica e a escrita, ao passo que, para Marx (2013a, p.257), o que as diferencia “não é ‘o que’ é produzido, mas ‘como’, ‘com que meios de trabalho’”. Ainda que tenha sido materialista, e mesmo que tenha tido a história como pressuposto teórico, Lewis

Morgan jamais foi adepto a uma “concepção materialista da história” – e, sejamos justos, Morgan também nunca aderiu uma concepção romântica de mundo.

Quando Löwy caracteriza toda a extensão dos movimentos que diferem e que se opõem à modernidade como “românticos”, ele se assemelha à ironia que Jorge Luis Borges (2000, p.76) traz ao mencionar a *enciclopédia chinesa do doutor Franz Kuhn*, um modo curioso de classificação dos animais que se dividiriam em categorias, dentre elas, “os que estão incluídos nessa classificação” e os “etcétera” (os que pertencem ao imperador, e os que de longe parecem moscas). Se toda crítica ao capitalismo é, portanto, uma crítica romântica, nenhuma crítica ao capitalismo é romântica, pois um conceito que serve caracterizar tudo, por óbvio, não se distingue de absolutamente nada.

Embora Marx constate que Sismondi – o mais renomado dos economistas românticos clássicos – ou mesmo Carlyle tenham identificado contradições importantes no modo de produção capitalista, essas constatações não impossibilitaram que, no *Manifesto Comunista*, Marx tenha criticado especificamente o denominado “socialismo pequeno-burguês” especialmente através da figura de Sismondi. É interessante notar que na seção “literatura socialista e comunista” do *Manifesto*, o tópico que mais se assemelha à crítica romântica é esse mencionado, o “socialismo pequeno-burguês” – mesmo porque é o tópico em que o nome de Sismondi é citado. Porém a abrangência que Löwy deu a sua concepção de Romantismo faz com que o assim chamado “socialismo feudal”, também criticado por Marx, esteja incluído nas concepções de romantismo revolucionário do sociólogo brasileiro/francês, afinal, a partir da “velha fraseologia da restauração”, Marx e Engels (2010, p.59-60) apresentam que o surgimento do socialismo feudal se deu “em parte lamento, em parte pasquim; em parte ecos do passado, em parte ameaças ao futuro” e “se por vezes a sua crítica amarga, mordaz e espirituosa feriu a burguesia no coração, sua impotência absoluta em compreender a marcha da história moderna terminou sempre produzindo um efeito cômico”.

Ao tempo em que Löwy agrega o socialismo pequeno-burguês ao socialismo feudal como se ambos fizessem parte do assim chamado “romantismo revolucionário”, Marx e Engels, em uma seção do *Manifesto* na qual o intuito era exatamente criticar a literatura socialista, atribuiu a essas duas formas a alcunha de “socialismo reacionário”.

Marx produziu intermináveis passagens críticas ao romantismo. Nos limitaremos

a uma dos *Grundrisse*, passagem que é importante a Lukács para sua crítica ao anticapitalismo romântico. Marx diz que:

A conexão é um produto dos indivíduos. É um produto histórico. Faz parte de uma determinada fase de seu desenvolvimento. (...) O grau e a universalidade do desenvolvimento das capacidades em que *essa* individualidade se torna possível pressupõem justamente a produção sobre a base dos valores de troca, que, com a universalidade do estranhamento do indivíduo de si e dos outros, primeiro produz a universalidade e multilateralidade de suas relações e habilidades. Em estágios anteriores de desenvolvimento, o indivíduo singular aparece mais completo precisamente porque não elaborou ainda a plenitude de suas relações e não as pôs diante de si como poderes e relações sociais independentes dele. É tão ridículo ter nostalgia daquela plenitude original: da mesma forma, é ridícula a crença de que é preciso permanecer naquele completo esvaziamento. O ponto de vista burguês jamais foi além da oposição a tal visão romântica e, por isso, como legítima antítese, a visão romântica o acompanhará até seu bem-aventurado fim. (2011, p.164-165)

Quando Marx fala que “é tão ridículo ter nostalgia daquela plenitude original”, ele não está fazendo coro a uma crítica unicamente negativa às formas sociais que historicamente precederam o modo de produção capitalista. Em carta a Engels no dia 25 de março de 1868, por exemplo, Marx afirma que uma das reações à Revolução Francesa e ao Iluminismo foi olhar para dentro da era primitiva de cada povo, “e essa corresponde a uma tendência socialista”, ainda que não houvesse uma conexão consciente entre os ideais socialistas e as sociedades comunais da Europa (MARX, 2020).

É interessante notar que ao mesmo tempo em que Marx demonstra um certo entusiasmo com as descobertas realizadas acerca dessas formas sociais – o que motiva inclusive um aprofundamento dos estudos do velho mouro sobre essa questão nos anos seguintes verificado nos assim chamados *Cadernos Etnológicos*<sup>19</sup> – em momento

---

<sup>19</sup> Sob o título de *Ethnological Notebooks of Karl Marx* (1972), Lawrence Krader editou e publicou os cadernos em que Marx supostamente tratou de assuntos “etnológicos”. Porém, “dos quatro autores dos *Cadernos etnológicos*, Phear e Maine eram juristas de formação, inclusive fizeram carreira na área; já Lubbock é um dos percussores da produção de conhecimento arqueológico, sendo um dos responsáveis por conceber a arqueologia como uma disciplina científica; e Morgan, esse sim, mesmo tendo sua formação enquanto jurista, destinou sua carreira para os temas etnológicos. As notas desses quatro autores, na verdade, constituem aproximadamente apenas metade dos cadernos de Marx de 1879 a 1882 que contém informações sobre sociedades não ocidentais e pré-capitalistas. Além dos editados por Krader (...) e nesse bojo incluo aqui também os *Cadernos Kovalevsky* (p.35) –, ainda constam anotações dos seguintes autores: o funcionário público colonial Robert Sewell e seus escritos sobre a história indiana; os historiadores e juristas alemães Karl Bücher, Ludwig Friedländer, Ludwig Lange, Rudolf Jhering e Rudolf Sohm sobre a formação do Estado, classe e gênero em Roma e na Europa medieval, o advogado britânico J.W.B. Money e seus estudos sobre a Indonésia; dentre outros trabalhos acerca do que hoje entendemos como antropologia física e paleontologia (Anderson, 2010, p.197-

algum ele as apresenta como um modelo a ser referenciado, ou seja, deixa implícito que atrás da montanha a se escalar não estaria nem o progressismo iluminista nem tampouco uma aclamação do passado – o que o afasta, novamente, de uma abordagem “romântica”.

Diante do exposto, embora preliminar, temos elementos o suficiente para afirmar que “romantismo-revolucionário” nada mais é que um oxímoro.

O que apresentamos aqui não é mais do que algumas palavras preliminares para compreender o distanciamento de Marx do pensamento com as proposições de Löwy acerca de seu romantismo. Desse modo, a compreensão das críticas e distanciamentos de Marx da concepção romântica é um trabalho ainda a ser feito. E será árduo a quem o realizar, afinal, suas considerações críticas partem desde seus textos de juventude, como *O manifesto filosófico da escola histórica de direito*, de 1842, até as formulações críticas que podem ser extraídas em suas últimas investigações. Mas, por hora, algumas observações já podem ser acumuladas.

### Considerações finais

A Rússia esteve presente em três aspectos da vida final do pensamento de Marx: a primeira como fruto de investigações teóricas; a segunda como uma localidade na qual Marx era responsável por se corresponder dentro da Associação Internacional do Trabalho; e a terceira através da preocupação que Marx tinha com o modo pelo qual seus textos repercutiriam naquele país. Esse último aspecto é importante na medida em que na última carta em que trata da Rússia, em dezembro de 1882, ou seja, meses antes de sua morte, Marx (*apud* WADA, 2017, p.117) diz a sua filha Laura Lafargue: “algumas publicações russas recentes (...) mostram o grande avanço de minhas teorias nesse país. Em nenhum lugar meu êxito é mais agradável. Me dá satisfação saber que eu prejudico um poder que é, ao lado da Inglaterra, o verdadeiro baluarte da antiga sociedade”. O seu interesse pela Rússia, embora não estivesse investigando especificamente com essa questão, nos oferece provas de sua relação com o

---

198). É notória a intenção de Krader, como antropólogo, em selecionar os textos assim chamados ‘etnológicos’ de Marx para a edição que organizou. Entretanto, me parece que da mesma forma um jurista poderia ter selecionado textos e seu critério e organizado os “Cadernos jurídicos” de Marx, ou que um geólogo pudesse editar os “Cadernos paleontológicos”. A constatação é: apesar dos esforços de Krader (...) os anos finais da vida de Marx não foram destinados apenas aos estudos assim chamados ‘etnológicos’.” (Álvares, 2017). Para uma visão mais aprofundada e específica sobre os chamados *Cadernos Etnológicos* de Marx, cf. Álvares (2019).



pensamento romântico. Essas “provas”, por sua vez, denotam o afastamento de Marx dessa tradição crítica. Foi a partir dessa suposição que esse trabalho se originou.

A conclusão, nessa altura, já é evidente: ao ponto em que Löwy buscou aproximar a perspectiva romântica da obra de Marx, esse, em contrapartida, procurou se distanciar, em toda a extensão de sua obra, dessa perspectiva. Nesse aspecto, nenhuma outra evidência no que diz respeito à diferença de abordagem desses autores, fica tão bem expressa quanto nos textos em que Marx tratou da Rússia, e na interpretação que Michael Löwy faz desses textos de Marx.

### Referências Bibliográficas

- ÁLVARES, Lucas Parreira. Críticas ao artigo “Marx na Floresta” de Jean Tible/Debate Margem à Esquerda. In: Blog da Boitempo. 04/12/2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/12/04/criticas-ao-artigo-marx-na-floresta-de-jean-tible-debate-margem-esquerda/>
- \_\_\_\_\_. Introdução às “Cartas de Março” de Marx e Engels. In: *Marx e o Marxismo*. Rio de Janeiro, 2020, no prelo.
- \_\_\_\_\_. *Flechas e Martelos: leituras de Marx e Engels da obra Ancient Society de Lewis Morgan*. Belo Horizonte: Faculdade de Direito da UFMG, Dissertação de Mestrado, 2019.
- \_\_\_\_\_. “Lutas de Classes na Rússia, de Karl Marx e Friedrich Engels”. In: *Revista Insurgência*. Brasília: ano 1, v.1, n.2, 2016, p.569-575.
- \_\_\_\_\_. “Para uma crítica da razão antropológica [Parte I]”. *Práxis Comunal*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.87-117, dez. 2018. Anual. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/article/view/11953>
- ANDERSON, Kevin B. *Marx and the Margins: on nationalism, ethnicity and non-western societies*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.
- BADIOU, Alain. *A Hipótese Comunista*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012, 152p.
- BORGES, Jorge Luis. “O idioma analítico de John Wilkins”. In: BORGES, J.L. *Outras inquisições*. (Tradução: Sérgio Molina) São Paulo: Globo, 2000. v. 2. p. 76.
- CHASIN, J. Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica. In: Teixeira, Francisco J. S. *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995.
- LÖWY; Michael. Introdução: dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do *Progresso*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2013, p.9-16.
- \_\_\_\_\_. “Todas as revoluções colheram sua poesia tanto do passado como do futuro”. Entrevista a Lucas Parreira Álvares e Lorena Martoni de Freitas. In: **Revive**: Revista de Ciências do Estado, 2017, v.2, n.1, p.15-24.
- LOWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, 287p.
- MACHADO, Gustavo. *Marx e a História: das particularidades nacionais à universalidade*

- da revolução socialista*. São Paulo: Editora Sundermann, 2018, 477p.
- MANDEL, Ernest. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx: de 1843 até a redação de O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, 211p.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, 287p.
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboços da crítica da economia política*. (Tradução: Mário Duayer; Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2011, 788p.
- \_\_\_\_\_. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2011, 174p.
- \_\_\_\_\_. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Livro 1: o processo de produção do capital. (Tradução: Rubens Enderle) São Paulo: Boitempo, 2013a, 894p.
- \_\_\_\_\_. “Primeiro ao quarto esboços a carta a Vera Ivanivna Zaslitch”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2013b, p.80-116.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. “Cartas de Março” (Tradução: Lucas Parreira Álvares). In: *Marx e o Marxismo*. Rio de Janeiro: 2020, no prelo.
- \_\_\_\_\_. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. (Trad. José Paulo Netto). São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Comunista*. (Tradução: Álvaro Pina e Ivana Jinkings) São Paulo: Boitempo, 2010, 271p.
- MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.
- SARTORI, Vitor Bartoletti. “Acerca da Individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx” [Parte I: o desenvolvimento de cada um e o de todos]”. In: *Práxis Comunal*. Belo Horizonte: Vol. 2, N. 1, 2019, pp. 32-70.
- \_\_\_\_\_. “Acerca da Individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx [Parte II: revolução e indivíduos universalmente desenvolvidos]”. In: *Práxis Comunal*. Belo Horizonte: Vol. 2, N. 1, 2019, pp. 168-201.
- SAYER, Derek. “Marx depois de O Capital: uma nota biográfica (1867-1883)”. In: SHANIN, Teodor (Org.). *Marx Tardio e a Via Russa: Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p.203-246.
- SHANIN, Teodor. “O Último Marx: Deuses e Artesãos.” In: SHANIN, Teodor (Org.) *Marx Tardio e a Via Russa: Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p.25-74.
- SILJAK, Ana. *O Anjo da Vingança*. São Paulo: Editora Record, 2013, 445p.
- WADA, Haruki. “Marx e a Rússia Revolucionária.” In: SHANIN, Teodor (Org.) *Marx Tardio e a Via Russa: Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p.75-118.
- ZASULITCH, Vera. “Carta a Karl Marx”, 16 fev. 1881. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2013, p.78-79.

#### Como citar:

ÁLVARES, Lucas Parreira. Romantismo ou Regeneração?. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 28, n. 2, pp. XX-XX; jul-dez, 2023.